



do DISTRITO



QUINZENÁRIO de FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Avença

Proprietário: **Dr. Ernesto Lacerda**

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

Director e Editor: **Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado**

10 de Novembro de 1965

Chefe da Redacção: **Prof. A. Paula Santos**

ANO XIII

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 309

Nau Portugal

Quando a tempestade embaraça a rota do navio, toda a tripulação, advertida pela ameaça dos ventos e das ondas, deverá ter das suas obrigações próprias melhor e maior consciência.

Que então cada um se esforce por não tardar nem falhar no cumprimento das suas tarefas!

Ação e vigília deverão ser, para todos, o procedimento normal e devotado.

Se assim não acontece, o naufrágio será a natural consequência do consenso entre o furor da tempestade e a renúncia dos que governam e conduzem o navio.

Embora não seja faculdade humana o poder dominar as tempestades, é-o a coragem de as enfrentar, e, para frustrá-las, fazer tudo o que seja possível.

Aqui se iça uma vela, ali se larga um cabo...

Quantas lições se aprendem na crónica das nossas jornadas dos Oceanos, sem esquecer as da *História Trágico-Marítima!*

Até os descrentes e os tíbios na Fé verificam, nas horas do Destino, que este quase sempre se encaminha amparando a tenacidade dos que querem viver e sobreviver.

A generosidade da Providência dir-se-ia uma forma de justiça, pois que mais ajuda os que mais se empenham.

Os séculos são como as águas de um mar imenso, ilimitado.

Através dessas águas navegam as Pátrias como naus antigas.

No mar do tempo, a nossa é uma caravela irmã de S. GABRIEL, com a Cruz de Cristo tingida a sangue sobre as velas peçadas.

Dentro dela seguem as tradições do passado e as esperanças do futuro. Segue quan-

to somos: Portugal da Europa e tudo o mais que Portugal é — ilhas, terras de África e do Oriente. Seguem as cinzas dos mortos e os anseios dos vivos. Segue a desventurada Goa, triste prisioneira esperando a libertação.

O mar tem agora vagas altas e cavadas, montanhas ladeando abismos.

Atravessá-lo é dramática jornada que bem merece um novo canto dos Lusíadas!

Mas largar o leme, descuidar velas e cordas, diante da adversidade e dos redemoinhos da procela, seria mais do que nos negarmos a nós mesmos: seria a traição à herança que recebemos, para ser continuada e entregue aos que vierem depois de nós.

O Povo sente-o e sabe-o.

Os seus filhos vão para a África e voltam de África...

Alguns não voltam!

As lágrimas que os choram ainda são dádiva à Pátria; consternada mas viva aceitação dos sacrifícios que a mantêm.

Perante essa total consciência cívica quem, no convés da Nau e no labor dos seus porões, deixará de acompanhá-la e imitá-la?

Se nós quisermos e o soubermos querer, não-de tombar as ondas e arrazar-se os abismos, há-de acalmar o furor dos ventos — e a velha Nau Portugal prosseguirá a sua rota, com as velas peçadas e sobre elas, tingida a sangue e molhada de luz, a bendita signa da Cruz de Cristo.

Quantos não abençoaram a morte por a receberem sendo portugueses e livres!

Porque não havemos nós de querer e de aceitar os trabalhos da vida, para livres e portugueses continuarmos a ser?

ÂNGELO CÉSAR

(in «Diário da Manhã»)

Dr. Ulisses Cortez

Tem passado mal de saúde, ultimamente, o Sr. Dr. Ulisses Cortez, ilustre Ministro das Finanças.

Formulamos ardentes votos pelas suas rápidas melhoras.

ORFEÃO FIGUEIROENSE

Mais uma quinzena se passou e, com ela, pouco adiantámos no caminho que ainda é necessário percorrer para atingir a concretização desta iniciativa a todos os títulos louvável e que em muito concorreria para o progresso da nossa terra sob vários aspectos.

Muitos figueiroenses compreendem que assim é, mas não se dispõem a prestar a sua colaboração activa, não sabemos se por comodidade, se por descrença nas possibilidades de realização dos seus conterrâneos responsáveis pela ideia. Em qualquer dos casos, devem abandonar essa pernicioso maneira de pensar e contribuir com o seu interesse e a sua acção no sentido de se conseguir o objectivo em vista.

Entretanto, podemos acrescentar, hoje, à lista que publicámos no último número deste jornal, mais os nomes dos Srs. Manuel e Silva Portela, Eurico Farinha Medeiros, Fernando Jorge dos Anjos Dias e José Mendes Teixeira que deram a sua adesão à ideia de constituição do nosso agrupamento orfeónico, o que nos aprás registar.

Esperamos que na próxima quinzena muitos outros nomes possam juntar-se aos que manifestaram já a sua boa-vontade.

Voltemos, porém, a salientar que continua a verificar-se a ausência do elemento feminino e que, como tivemos já ocasião de referir, não pode ser dispensado dadas as características que se pretende imprimir do conjunto. É, por isso, necessário que se liberte de certas peias ou hesitações, visto que os seus deveres profissionais ou de vida de casa em nada podem ser afectados e, por outro lado, o recreio e cultura do espirito são hoje indispensáveis e, não podem ser nem são, objecto de censuras ou críticas que noutros tempos, infelizmente, se justificavam.

A mulher tem agora novas missões a cumprir na vida e a sua actividade não se pode confinar simplesmente à sua função no lar. Tem de evoluir no campo espiritual e social.

Não existem, pois razões para que a sua ausência se continue a notar e confiados ficamos que, em breve, a sua contribuição vai ser prestada a esta causa em que todos estamos empenhados.

Pedem-nos para esclarecer que as inscrições podem ser feitas por um simples postal ou carta dirigida à Comissão Organizadora do Orfeão — Posto de Turismo — nesta vila.

A TELESOLA EFEMÉRIDE

Acontecimento de alta importância na vida nacional foi a abertura das actividades da Telescola. Na véspera, foi lida aos microfones da Emissora Nacional e da Radiotelevisão uma mensagem do Ministro da Educação Nacional, Sr. Prof. Dr. Galvão Teles, na qual sublinhou o «relevante significado (da iniciativa) na evolução da educação em Portugal».

O Curso unificado da Telescola, criado pelos decretos-leis n.ºs 46135 e 46136, de 31 de Dezembro de 1964 e da portaria n.º 21113, de 17 de Fevereiro de 1965, compreende o ciclo preparatório do Ensino Técnico Profissional, acrescido da disciplina de francês.

Recentemente, foi publicado um despacho ministerial sobre os alvarás para o estabelecimento de postos de recepção, diplomas de monitores e funcionamento dos postos de recepção.

Na sua mensagem, o Prof. Dr. Galvão Teles esclareceu devidamente o que é a Telescola. «Não se trata de uma escola como as outras, cuja substância se contém inteira num edifício onde se reúnem fisicamente, em diálogo directo, professores e alunos. A Telescola não pode inaugurar-se como as restantes, por meio de uma visita e de uma sessão mais ou menos festiva, porque não tem por limites as quatro paredes de uma casa, mas as quatro fronteiras do Portugal continental.

A Telescola é, na realidade, uma enorme, uma imensa sala de aula, do tamanho da lusitana faixa atlântica. Há toda uma organização, todo um esforço colectivo de preparação, de elaboração, de articulação de lições, de montagem e direcção de um complexo maquinismo, que se desenvolve, que se vem desenvolvendo há meses, na intimidade e no silêncio, e que terá a sua projecção exterior através de emissões a fazer pela televisão e pela rádio. Uma imagem e uma voz, saídas de um estúdio, são a manifestação perceptível de toda essa intensa actividade subterrânea. Mas manifestação, por seu turno, com larga e activa irradiação, porque se estende por vales e serras, vai até aos mais distantes lugares.

Com esta central pedagógica estão em ligação orgânica, como células esparsas pelo território, os postos de recepção, onde são seguidas e exploradas as lições, sob a orientação de um monitor. Os alunos inscritos nesses postos obterão um diploma oficial, como os que frequentam as escolas do tipo clássico. Mas, obviamente, qualquer interessado poderá livremente seguir os cursos, para sua maior instrução, porque as lições são lançadas para o ar e quem quer poderá captá-las.

Passou no dia 24 de Outubro último o 1.º aniversário da Visita Presidencial à nossa terra.

As horas inesquecíveis que a presença do Sr. Almirante Américo Tomás e de Sua Excelsa Esposa, dos membros do Governo e de outras altas individualidades, nos proporcionaram, não podem ser esquecidas pelos figueiroenses.

A honra concedida por tão ilustres visitantes à nossa terra ficou orgulhosamente vinculada nos seus corações, e predurará através dos tempos como o mais destacado passo da sua história.

Sabemos que o Sr. Presidente da Câmara dirigiu naquele dia, ao Venerando Chefe de Estado, aos Senhores Ministro das Obras Públicas e do Interior e ao Senhor Governador Civil de Leiria, telegramas de respeitosa felicitações assinalando tão fausto acontecimento.

UNIÃO NACIONAL

Realizou-se em Leiria a posse das novas Comissões Concelhias da União Nacional.

Presidiu ao acto o Sr. Eng.º Mário Gallo, estando presentes o Sr. Governador Civil do Distrito, o representante do Prelado Diocesano e outras altas individualidades.

A Comissão deste Concelho ficou assim constituída: **Presidente** — Dr. Ernesto de Araújo Lacerda e Costa; **Vice-Presidente** — Dr. Luís António Correia de Frias Fernandes; **Vogais** — José Abreu Nunes, José Gonçalves Ramos Júnior, Juvenal Augusto Mendes e Artur dos Santos Mateus.

Depois destes esclarecimentos, o Prof. Dr. Galvão Teles acentuou:

«Uma palavra de reconhecimento aos que — dirigentes, professores, funcionários — trabalharam denodadamente, incansavelmente, com um entusiasmo que venceu todas as barreiras, para em espaço de tempo relativamente curto porem de pé, no terreno dos factos esse delicado organismo que é a Telescola, criada no âmbito do Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino em conexão com a Emissora Nacional de Radiodifusão e a Televisão Portuguesa, cuja essencial e activa cooperação, sempre prestada com o melhor espirito, dentro desta comum tarefa, também se agradece uma vez mais.

E finalmente uma palavra de esperança, que bem vistas as coisas é certeza: esperança em que todos (a que nunca faltará, como até aqui, o amparo e a orientação do Ministro) continuarão a trabalhar com o mesmo

(Continua na 4.ª página)

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLINICA GERAL

Telefone 98 FIGUEIRO DOS VINHOS

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.
Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRO DOS VINHOS
Telefone PBX — 50

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

CLINICA DENTÁRIA

Consultas às segundas-feiras (das 9 às 12 horas) e sábados.

Telefone 98 FIGUEIRO DOS VINHOS

TERRENO

Compra-se, mato ou pinhal, bem situado.
Informa-se no Posto de Turismo de Figueiró.

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEPHONE 38 FIGUEIRO DOS VINHOS

SEGUROS

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.
JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE
Soç. Comercial Figueirense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS — AGENTE DA «ROBIALAC»
Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da
FIGUEIRO DOS VINHOS

MÁRIO FALCÃO
MÉDICO

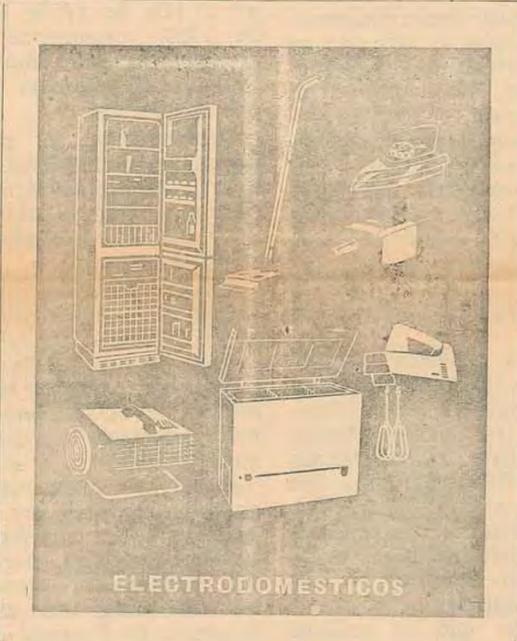
Consultas desde as 15 horas.

Telef. 59 — AVELAR (P. F.)

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINES
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH

TELEPHONE 105 FIGUEIRO DOS VINHOS



ELECTRODOMÉSTICOS

Encarrega-se de todos os consertos em RÁDIO e TELEVISÃO

Boa casa de habitação COM QUINTAL

Em Aldeia de Ana de Aviz, à beira da Estrada, a 3 kms. de Figueiró
Boa casa de habitação com 6 grandes divisões no 1.º andar e grande sotão; 5 lojas, sendo 2 para a frente (estrada), próprias para comércio; Quintal com árvores de fruto, Patios, alpendres e forno, grande portão para a estrada. Boa Construção. Toda livre e desocupada. Vende-se.
Tratar com F. Herdade, Rua de Entrecampos, 64-3.º-D Lisboa.

TRILHO Y BLANCO
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos - Nariz - Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.ª e 3.ª quartas-feiras de cada mês, às 9h 30m.

MIAEDHA CENTRAL
TIPOGRAFIA
MINERVA CENTRAL

Executa com a maxima perfeição todo o género de trabalhos tipográficos. Modicidade de preços.

Telefone 7 Figueiró dos Vinhos

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.º e 3.º sábado de cada mês, às 9h 30m.

O MELHOR **PÃO-DE-LÓ**
É O DA

CONFETARIA Santa Luzia

DE *A. C. Campos*

TELEPHONE 129
FIGUEIRO DOS VINHOS

O ANTIGO **Café Avenida**

ALUGA-SE

quem pretender dirija-se ao seu proprietário, Joaquim da Silva — Rua Major Neutel de Abreu — Figueiró dos Vinhos.

Vende-se
Terreno com alguns hectares nos suburbios desta vila e atravessado pela Estrada Nacional.
Nesta redacção se prestam informações

PROPRIEDADE
Vende-se

óptimamente situada, ao Bairro Teófilo Braga, com frente para a Estrada Nacional.
Possui pequena casa de habitação e terrenos anexos com árvores de fruto.
Sujeita à melhor oferta. Informa esta Redacção.

CASA
VENDE-SE
na Figueira da Foz

gaveto na Rua da Liberdade c/ rua dos Banhos. Tratar c/ Manuel Lopes dos Santos, Rua Praia da Fonte, n.º 9 Figueira da Foz.

Não perca esta oportunidade!
Vende-se um óptimo **Prédio**

construção nova, com cave, rés-do-chão, primeiro e segundo andar com esquerdo e direito. Dá alojamento para seis moradores. Situado no melhor local desta vila.
Também se vende um quintal com água de poço, oliveiras, videiras e árvores de fruto. Próximo do prédio em venda.
Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE
em PEDRÓGÃO GRANDE

o PRÉDIO onde esteve instalada a Pensão Cara Fina.
Para tratar dirijam-se a António Nunes Rodrigues, Estrada dos Arneiros, 12-2.º — LISBOA.

SRS. VINICULTORES,...

Encontra-se em laboraçãoa **Destilaria de Aguardente e Borrás**

ao Barreiro (FIGUEIRO DOS VINHOS)
Economia - Rapidez - Produtos das melhores qualidades
Telefone 78

O MILHÕES

(DE MAGNIFICAT)

Servindo-nos do volume VII da História de Portugal (Barcelona), vejamos a descrição do fatídico e ao mesmo tempo glorioso «9 de Abril». Aos leitores será útil um ou outro «extracto» histórico para se convencerem da verdade relatada nesta entrevista, a fim de não pôrem em dúvida afirmações e pormenores na descrição que nos fez o nosso herói — relíquia sagrada da nossa pátria. Nada foi inventado do que já se expôs, e se dirá tudo o que foi possível colher dos lábios daquele protagonista valente da maior proeza que os portugueses cometeram na primeira Grande Guerra, que a imprensa da época comenta elogiosamente e a História registou para justamente perpetuar o seu nome e o seu feito.

O plano alemão, depois de muitos ensaios e investidas infrutíferas consistia numa formidável ofensiva na Flandres, apesar das dificuldades que as operações encontrariam através do pântano interminável do Lyz (sector, como vimos, confiado aos Portugueses, quase abandonados a si próprios em condições desoladoras sobre todos os aspectos). Segundo esse plano o ataque foi marcado para 9 de Abril.

Dias antes, os observadores portugueses notaram movimentação no inimigo com certa estranheza, e denunciaram aos Comandos Aliados, britânicos, as suas suspeitas duma operação de vulto. Talvez assim lhes fosse dado chamar a atenção do Comando para reforçar e guarnecer o sector e as trincheiras com homens, armas e munições, e organizar eficientemente a defensiva. Mas a tranquilidade amorfa dos Ingleses repudiou tal ideia (talvez porque deles não tinha saído) julgando que não se forjaria por ali um tal ataque.

Assim, os Alemães tomaram livremente posições que implicavam receios graves, sem que se ligasse a tais receios para reforçar a nossa frente. E, com absoluta surpresa, atacaram mesmo na noite de 8 para 9 quando era rendida a 2.ª Divisão sob o comando do General Gomes da Costa.

Começa a batalha

«Pelas 4,15 de manhã através da cerração do nevoeiro abatia sobre a área da Divisão Portuguesa e das duas divisões inglesas que a flanqueavam, um inesperado e formidável vendaval de fogo e aço».

Entrava em acção a nova tática alemã de «surpresa, violência e rapidez de execução» apoiada por cerca de 100 canhões por cada quilómetro de frente. Em breve desfez, destroçou, inutilizou a organização defensiva, os comandos, os depósitos, tudo o que as ordens de emergência do General Gomes da Costa puderam concretizar. Só tardiamente o General se persuadiu também de que o bombardeamento passava de simples represália como tantas se haviam repellido! Aquela persuasão mais agravou a situação com demora e risco de não poder socorrer as frentes.

«A resistência continua pelo dia fora, apesar de isolados, à espera dos tais reforços, que não vinham». De muitos outros postos até mais recuados já se apoderara o pavor. Ao rugir dos canhões vomitando metralha, ceifando vidas, mutilando corpos, juntava-se o grito angustioso dos que abandonavam a luta, os queixumes dos feridos e o estertor dos que agonizavam colados à lama tingida de sangue!

É para a frente!

E o nosso homem?

Cedo, muito cedo chegou o sinal de alarme. Aquela noite fora para o «469» apenas um sonho. E é contando aos companheiros o seu sonho com a Senhora de Vale de Veigos que ele vai entrar em combate.

Ao ter-se conhecimento duma investida «em massa» notou-se uma certa onda de desânimo. E o oficial perguntou ao metralhador n.º 1 (o 469): — «E' para a frente, ou para trás?» «E' para a frente, meu comandante!» — responde decidido. «Temos de socorrer as primeiras linhas!»

Mochila às costas, metralhadora na mão, num passo apressado durante dois quilómetros, com comentários alegres, animando-se a si e aos colegas... é o primeiro a entrar na «zona de fogo» onde o bombardeamento inimigo já fizera vítimas e projectara rufnas. Não se pode caminhar. Rasteja-se como vermes, pela lama... ou curvados sobre a terra húmida, ou para a direita, ou para a esquerda, com a ilusória sensação de assim escapar mais facilmente à estilhaçaria que zumbia teimosa sobre as suas cabeças. Os projectéis fendiam o espaço em girândolas ininteruptas.

«O nevoeiro cerrado encobria o rebentamento das granadas, exigindo a localização dos pontos mais causticados, pelo ouvido para as evitar e ganhar terreno. De quando em quando, o silvo de uma granada que de instante a instante se torna mais nítido, mais agudo, faz-nos atirar ao chão... à espera que a explosão se dê. Momentos de angústia! Muito perto de nós, a cinquenta metros, a menos talvez, o monstro rebenta com estrondo. Depois, seguem-se alguns minutos em que a morte baila no ar, quase a tocar-nos. O projectil, fragmentado em mil pedaços, procura à doída algum ser a quem matar. São os estilhaços, no seu jogo infernal de cebra-cega».

Pagamento de assinaturas

Tiveram a gentileza de efectuar o pagamento das suas assinaturas os nossos estimados assinantes:

- Sr. Casimiro Martins Caetano, de Canas de Senhorim;
- Sr. Eng.º Cláudio Manuel Bogalho Semente, de Lisboa;
- Sr. Manuel Nunes Neves, residente em Lisboa;
- Sr. Alberto Jorge Marques, de Almofala;
- Sr. Custódio Nunes Lusía, morador em Altaredo;
- Sr. João Quaresma Godinho, da Praia da Granja;
- Sr. Américo Martins Coimbra, de Lisboa;
- Sr. Ramiro Simões Paiva, residente em Vale do Rio;
- Sr. Álvaro Simões Almeida, de Lisboa;
- Sr. Manuel Fernandes Godinho, ausente em Luanda;
- Sr. Manuel dos Santos Godinho, de Vilas de Pedro;
- Sr. José Mendes Junior, dos Chãos;
- Sr. Joaquim Rodrigues Dias, morador em Lisboa;
- Sr. José Henriques, residente em Lisboa;
- Sr. José Francisco Peneque, de Enchecamas;

Com os melhores cumprimentos, a todos endereçamos o nosso muito obrigado.

Uma vez passado o vendaval de metralha, erguemo-nos. Mas mal começamos a caminhar, eis que, de novo, outra granada rasgando os ares vertiginosamente se aproxima. E lá tornamos outra vez a deitar-nos, à espera que mais aquela passe».

A metralhadora do *Milhões* já entrou em acção. Dispara à toa? Não. Além, a alguns metros, o inimigo avança. Deixa que se aproxime... e, à distância precisa, varre, com uma rajada em leque, a frente aventureira.

Os Alemães são como moscas. São muitos! Sentem-se apoiados pela bem constituída linha de ataque e de defesa: Os seus canhões, as granadas e as metralhadoras.

Do «Diário de Lisboa» de 1924 (7-IV) donde temos transcrito uma ou outra frase de David Aboim que constituiu a célebre batalha, colhamos ainda mais algumas passagens. O nosso entrevistado nada desmente, tudo confirma e muito acrescentaria, se nesta revista de limitadas páginas se pudesse relatar todo o drama daquele dia histórico.

*

Campo de Lacouture. «As granadas correm para nós com velocidade do raio. Sentimos o sibilo crescer de segundo para segundo, ou melhor, de instante para instante, porque a noção do tempo nestes momentos de agonia que parecem durar séculos, não cabe dentro das estreitas divisões do mostrador do relógio. E tão perto a ouvimos já, que nós temos a sensação nítida, perfeita, de que ela vem cair sobre nós, e de que, dentro em pouco, os nossos corpos estarão pulverizados sob o esmagamento colossal daquela granada diabólica. Mas, de repente, o som afasta-se, começa a morrer. E ouvindo-se cada vez mais longe, o projectil lá vai para a nossa retaguarda... espalhar o terror e a morte».

Os pulmões contraídos pelos segundos em que a vida quase que paralisa, enchem-se de ar. Enfim! Daquela nos livramos nós. Mas já lá vem outra... mais outra e outra ainda. De espaço a espaço deparamos com crateras enormes, ainda quentes... escancaradas.

Quase de rastros, deitando-nos aqui, erguendo-nos acolá, lá vamos fazendo aquela penosa travessia. E' preciso ir mais além. Não só defender, mas atacar, obrigar o inimigo a recuar, a deixar o nosso sector já invadido, quase tomado. Mas quê?! Impossível.

Entrincheirados os nossos homens começavam a desanimar e querer fugir. O fogo, ali ao pé, a uns poucos metros!... Trincheiras fendidas, munições a faltarem... E' o desespero e o fim.

(Continua)

EMBARQUE

Esteve a apresentar cumprimentos de despedida nesta Redacção o nosso prezado assinante Sr. José da Silva Neto que em companhia de sua Esposa, esteve alguns meses em Vale de Joanás, em visita a seus familiares.

Regressa ao Brasil a retomar as suas ocupações, pelo que lhe desejamos óptima viagem e as maiores felicidades.

Visado pela Comissão de Censura

Acidentes domésticos

Quedas

As quedas constituem uma elevada percentagem dos acidentes domésticos, particularmente entre as crianças mais pequenas e os velhos.

Muitas vezes resultam, não da falta de cuidado das vítimas, mas da incúria de outras pessoas.

Escadas e degraus são sempre perigosos. O perigo é maior quando os degraus são estreitos e altos, e carecem de apoio de mão. O perigo máximo, porém, encontra-se nos *objectos deixados sobre os degraus*. Livros, brinquedos, etc., são frequentemente deixados nos degraus como lembrança para alguém os levar para cima ou para baixo quando passar. Em vez disso, tais *objectos* muitas vezes fazem cair gravemente uma pessoa desprevenida.

Constitui uma boa prática marcar o bordo do último degrau com uma lista colorida colada ou pintada, referência útil e fácil para quem desce com pressa. As escadas devem dispor de boa iluminação de maneira que os utentes possam notar os seus limites, curvas, irregularidades ou quaisquer outros acidentes da construção.

Quando se trata de alcançar um *objecto* arrumado em local elevado, deve usar-se sempre um escadote. Trepar sobre caixas, cadeiras, ou quaisquer outros móveis construídos com outro propósito, é sempre perigoso. Estes *objectos* podem tombar facilmente ou não ser suficientemente resistentes para suportar o peso da pessoa. Deve pois existir em todas as casas um escadote, guardado em lugar apropriado, que será utilizado sempre que se pretenda atingir um *objecto* colocado em lugar elevado em qualquer das divisões.

Vale a pena tentar arrumar os diversos *objectos* de maneira que os utensílios de uso mais frequente fiquem ao alcance da mão. Fica assim reduzido o número de oportunidades em que se torna necessário trepar para alcançar um *objecto*. Por exemplo, os pratos e louças de uso corrente devem ser guardados a uma altura inferior à do ombro.

Os soalhos encerados são perigosos. Pavimentos lisos e escorregadios convidam a quedas. Tapetes pequenos e leves que não aderem ao pavimento podem deslizar quando se passa sobre eles, e devem ser, de qualquer modo, fixados ao chão.

Água, gorduras, ou outros líquidos derramados no chão devem ser logo limpos, pois frequentemente originam que caia uma pessoa de família que não se apercebeu da sua presença traiçoeira.

São frequentes as quedas graves ocorridas na banheira ou no chuveiro, ou escorregando no pavimento molhado das casas de banho. E' aconselhável obter apoio firme para as mãos até que os pés se possam firmar com segurança sobre um tapete ou uma toalha. Como a superfície das banheiras se torna particularmente escorregadia com a água e o sabão, é recomendável o uso de tapetes de borracha providos de ventosas dentro da banheira ou debaixo do chuveiro.

E' um bom hábito conservar as gavetas e as portas dos armários fechadas, de maneira que ninguém possa ferir-se ao topar com um desses obstáculos inesperados. Pela mesma razão, é bom habituarem-se as pessoas a arrumar todos os *objectos* que estejam fora do seu lugar, antes de deitar.

Deve insistir-se com as crianças para que não abandonem os seus brinquedos por qualquer sítio, devendo arrumá-los em lugar apropriado. Bicicletas, triciclos, trotinetas, carros, e brinquedos deste género são causa frequente de quedas, pois facilmente se tropeça na obscuridade, quando estão desarrumados.

FALECIMENTO

Na cidade de São Paulo (Brasil), onde há anos se encontrava radicado, faleceu no dia 4 de Outubro último o nosso conterrâneo Sr. José Martins Nunes.

O extinto que contava 74 anos de idade, deixa viúva a Sr.ª D. América da Conceição Nunes, e era pai dos Senhores Manuel da Silva Nunes, conceituado comerciante nesta vila, casado com a Sr.ª D. Maria Helena da Conceição Nunes; Eduardo da Silva Nunes, comerciante em Moçambique, casado com a Sr.ª D. Mabilde Carvalho Nunes; Anselmo da Silva Nunes, funcionário público em Lisboa, casada com a Sr.ª D. Rosalina Parede Nunes; e das Senhoras D. D. Judite da Conceição Nunes, casada com o Sr. Evangelista Mendes de Oliveira, comerciante no Brasil; Maria Adelaide Nunes de Carvalho, casada com o Sr. Amador Godinho Carvalho, proprietário, residente em Lisboa; e Elvira Nunes da Silva.

Pelo infausto acontecimento apresentamos à numerosa família enlutada os nossos sentidos pésames.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO DISTRITO DE LEIRIA

ANÚNCIO

Alargamento de Âmbito

Para conhecimento de todos os interessados se comunica que por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social de 12 de Junho de 1964 foi alargado o âmbito desta Caixa de Previdência, com efeito a partir de 1 de Novembro 1965, às actividades que no distrito de Leiria estão abrangidas pela Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Cerâmica.

As entidades patronais e seu pessoal ao serviço das mesmas actividades serão transferidas daquela Caixa para a Caixa de Previdência do Distrito de Leiria.

O primeiro pagamento deverá ter lugar, portanto, de 11 a 20 do próximo mês de Dezembro.

Leiria, 10 de Novembro de 1965.

A Comissão Organizadora

Bernardino Grácio Correia

Acompanhado de sua Esposa regressou a Lourenço Marques este nosso prezado assinante, abastado proprietário naquela cidade, depois de na Metrópole ter gozado algum tempo de férias.

O ACTO ELEITORAL

O último acto eleitoral decorreu em todo o País num ambiente de ordem e serenidade que nunca é demais salientar.

A Assembleia Legislativa eleita por elevada percentagem de votantes, teve a apoiá-la a consciência nacional, numa manifestação implícita de confiança ao Governo da Nação, sobretudo às directrizes da sua política ultramarina.

Se algumas dúvidas restassem a tal respeito, dentro ou fora de Portugal, elas foram completamente dissipadas no passado dia 7 em todas as assembleias e secções de voto onde o eleitorado acorrendo em grande número, afirmou, inequivocamente, que a unidade nacional é um facto incontroverso e uma feliz e consoladora realidade.

Pena foi que os perturbadores assoldados dessa unidade, não quizessem sujeitar-se ao confronto no sufrágio, para que nos seus anais ficassem mais vincados os traços duma derrota esmagadora e a vitória de Portugal ressaltasse ainda mais brilhante.

No nosso concelho, as eleições foram também extraordinariamente concorridas. Tanto na Assembleia da sede do concelho, como nas das freguesias as Mesas eleitorais tiveram trabalho aturado e permanente, consequência do interesse e até do entusiasmo manifestado pelos eleitores.

Seguidamente damos nota dos resultados apurados na votação no nosso concelho:

FREGUESIAS	N.º DE INSCRITOS	N.º DE VOTANTES	PERCENTAGENS
Aguda	380	334	87
Arega	566	434	75,5
Campelo	379	241	65
Figueiró dos Vinhos	1630	1508	92

No distrito de Leiria a percentagem de votantes foi de 71,30, alcançada pelos diversos concelhos que o constituem de harmonia com a nota seguinte:

CONCELHOS	N.º DE INSCRITOS	N.º DE VOTANTES	PERCENTAGENS
Alcobaça	6 407	3 638	60,29
Alvaiázere	3 303	2 058	89,36
Ansião	3 082	2 161	70,12
Batalha	2 832	1 476	52,12
Bombarral	2 438	1 963	80,52
Caldas da Rainha	6 434	4 454	69,23
Castanheira de Pera	1 644	1 365	83,03
Figueiró dos Vinhos	2 957	2 526	85,42
Leiria	13 636	10 087	73,97
Marinha Grande	2 351	1 643	69,50
Nazaré	1 913	1 234	69,21
Óbidos	2 018	1 526	75,62
Pedrógão Grande	2 234	1 549	69,46
Peniche	3 592	2 490	69,32
Pombal	5 513	3 831	69,49
Porto de Mós	4 305	3 083	71,61
Totais . . .	63 659	45 390	71,30

VILA FACAIA

Eleições

Decorreram com a maior concorrência as eleições para deputados, nesta freguesia. Não exagero em afirmar que nestes últimos anos não assistimos a uma eleição tão concorrida como a que se realizou, no passado dia 7, que ficou a marcar na freguesia como um marco imorredoiro de bom senso político, pois o eleitorado quis assim, com a sua voluntária comparência mais uma vez afirmar a sua firme solidariedade com a política do Governo da Nação.

O povo, a indefectível grei, já se não deixa arrastar por propagandas fáceis, nem acredita em panaceias sem consistência, nem viabilidade. Evoca e medita no passado, analisa o presente e procura, dentro dum critério seguro alicerçar o Futuro da Nação, dando o seu patriótico apoio às directrizes políticas devidamente estruturadas do Governo de Salazar.

Temos necessariamente que convir que Salazar, no momento crucial que o País atravessa, talvez único na nossa já longa História, procura dentro dos seus princípios que informam o Governo, trilhar o verdadeiro caminho que possa conduzir a Nação ao almejado «porto de sal-

vamento».

Para isso não lhe falta o carinho da maioria da massa populacional das freguesias de Portugal, que no dia 7 afluiram às urnas, confiados no escol representativo da Nação e com a esperança em melhores dias para a vida do Império.

Neste cantinho privilegiado do norte do distrito de Leiria, sabe-se também, na hora própria, cumprir, com galhardia e bom senso, com um dos deveres cívicos de maior projecção social e política.

Oxalá que a próxima Assembleia Legislativa saiba corresponder, sem tibiezas nem hesitações aos sagrados anseios do Povo português.

Lavoura

Os dias de inverno que se vêm sucedendo fazem criar cabelos brancos aos nossos agricultores, que se vêem aflitos para ultimar a seca do milho e levar a cabo as sementeiras próprias da época.

A azeitona já está em adiantado estado de maturação, e o lavrador não sabe para onde «virar-se». Ainda se não ultimaram as colheitas e já surge a necessidade de iniciar outros trabalhos de campo, que não podem ser protelados.

As vindimas este ano também se arrastaram demasiadamente e

11 FIGUEIRÓ E O TURISMO

Sob este título e em diversos números de «O Norte do Distrito» foram abordados, muito superficialmente, alguns aspectos do turismo na nossa terra, entre os quais destacamos, agora, a necessidade preconizada de se construir uma piscina.

Invocámos, nessa altura, as razões por que reconhecíamos o maior valor a essa iniciativa. Mas, contrariamente ao que muita gente pode pensar, como não nos consideramos, nem por sombras, técnico de turismo, aquilo que então escrevemos não passou de certa intuição e de lógica no discorrer do assunto.

Entretanto estes problemas não se levantam somente na nossa terra. Há outras que os têm e pretendem resolvê-los.

Por coincidência veio parar-nos às mãos um exemplar do «Jornal de Abrantes», de 17 de Outubro último, onde, em editorial, se pugna pelo desenvolvimento turístico daquela cidade e se refere o interesse em criar uma Comissão Municipal de Turismo (que nós já temos), e se evidenciam e enaltecem os atractivos que justificam a existência desse órgão local, começando nas paisagens graciosas, no clima ameno e na hospitalidade, para encerrar com as ruas emolduradas de flores, as visitas ao museu e o valor dos monumentos. Também se põe em relevo o facto de possuir Abrantes um magnífico Hotel de Turismo.

O ilustre articulista do «Jornal de Abrantes» finda estas suas considerações, para depois continuar focando outros factores de valorização da sua terra, com um *mas...* bastante significativo e que é a final a razão deste nosso escrito de hoje.

Diz assim:

Mas... falta uma piscina! A piscina é, hoje, absolutamente indispensável em qualquer localidade que pretende ter um lugar ao sol no campo do turismo internacional. Não pode atrair-se o turista estrangeiro a uma localidade do interior onde não exista uma piscina, quer junto de um bom hotel quer ao lado de um parque de campismo.

Ora, nós não cremos que tudo isto se escreva só por intuição e por lógica, como nós o fizemos. Antes, acreditamos que o caso foi observado por pessoa

muitos lavradores há que, por vários motivos, as não ultimaram.

Acresce também que as uvas como foram cortadas a chover, acusam diminuta percentagem de açúcar, o que deve reflectir-se na fraca graduação alcoólica.

Oxalá que os modestos vinhateiros da nossa região diligenciassem por atender mais à qualidade do vinho do que à quantidade, no sentido de nos aproximarmos tanto quanto possível da graduação exigida pela lei, que este ano, por certo, não será fácil obter, o que só redundará em prejuízo do lavrador.

Está mais que comprovado que a nossa zona climática não permite a obtenção de vinhos devidamente graduados.

Por isso entendíamos que a Junta Nacional do Vinho devia estudar o assunto com subido zelo, e, de harmonia com as conclusões a que chegasse, rectificar as actuais graduações alcoólicas.

nestes problemas de turismo que tanto preocupam aqueles, que como nós, vêm na sua resolução uma extraordinária fonte de progresso e engrandecimento para as suas terras.

Quizemos, por isso, registar uma opinião que se harmoniza com a nossa e que, além do mais, tem o mérito de lhe conceder algum préstimo, coisa que, até agora não tinha sido reconhecida.

Podem acusar-nos de visionários quando insistimos na construção de uma piscina em Figueiró. Porém, não nos desfalece o ânimo para arcar com o epíteto, nem perderemos qualquer oportunidade que se nos depre para pugnar pela realização de tão importante e decisivo melhoramento.

Havemos de fazê-lo no vencimento, certo e seguro, de que prestamos à nossa terra um alto serviço e de que não virá longe o dia do reconhecimento unânime da razão da nossa insistência.

Tudo o que se tem feito em prol do desenvolvimento turístico de Figueiró é muito pouco. Mas, mesmo esse pouco, constitui desperdício de recursos humanos e materiais e todas as energias investidas deveriam ter sido aforradas, com vista à consecução deste factor-base de valorização que se chama piscina.

Não se veja nestas palavras outro sentido que não seja o desejo ardente de ver progredir no campo aliciente e de perspectivas futuras inestimáveis do Turismo, a linda terra que nos foi berço. Se as quiserem apelar de crítica, façam-nos a justiça de a considerar construtiva.

Contudo ela move-se... Assim dizia o sábio da antiguidade referindo-se ao comportamento da terra.

Também nós movidos da mesma segurança e certeza do autor daquele dito afirmamos:

Contudo... sem piscina não pode existir turismo em Figueiró!

Em gozo de licença

Encontram-se nesta vila em gozo de merecida licença os Srs. Henrique da Conceição Medeiros, funcionário da Aeronáutica Civil e Mário da Conceição Medeiros, empregado comercial, filhos do nosso prezado assinante Sr. João Cunha Marques Medeiros, que exercem a sua actividade em S. Tomé.

Com os nossos cumprimentos, desejamos-lhe uma óptima estadia junto de seus familiares.

Nossa Senhora dos Milagres

A comissão de festas em honra de N. S. dos Milagres, de Pedrógão Grande, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que com as suas esmolas, serviços e auxílios contribuíram para o engrandecimento e brilhantismo daquela tradicional romaria, realizada em 5 de Setembro último.

Como aquela romaria foi feita de promessa com todas as despesas à custa da referida comissão, esclarece que de promessas e esmolas (produto de bandeja) e da exploração do Bar, se encontra na sua posse a importância

CRÓNICA

O apelo, que se fazia no último número deste jornal, à juventude figueirense, no sentido de dar a sua adesão à formação dum orfeão, originou esta série de considerações que vou encetar.

Muita das pessoas receberam a notícia da formação dum grupo coral, com um leve sorriso situado no canto dos seus lábios, pensando, que era mais uma ideia sem pés nem cabeça, posta a circular para alimentar mais alguns minutos de conversa à mesa do café.

No entanto, a ideia concretizou-se e veio o primeiro apelo. Então, esses mesmos e entre os quais a maior parte dos figueirense e eu próprio, duvidámos que essa ideia, saída de alguém que pretende tornar a nossa terra mais conhecida e desenvolver a cultura dos seus cidadãos, viesse a ter fruto.

Porquê esta dúvida?

Introspeccionando-me, cheguei à conclusão, que duvidava atendendo a obras anteriores levadas a efeito e que acabaram ruindo com fragor.

Porque será que em Figueiró tantas coisas começam e antes que criem raízes terminam?

Creio, que somos nós os culpados deste facto. Talvez, nós não estejamos, muitas vezes, bem informados acerca do valor destas obras.

Eu recordo como qualquer movimento no sentido de elevar o desporto, tem encontrado pela frente algo a esbarrar-lhe o caminho.

No caso do orfeão, todos nós devemos compreender que este não foi criado para simples passatempo, e, que a isto, se reduz o seu valor.

Devemos tomar em consideração, que um orfeão serve, além de tudo, para educar a voz, portanto, encerrando em si um alto valor intelectual, e conhecer dá-nos outra posição na vida. Dizia Pedro Dillon «o poder pertence aos fortes. E os fortes são os que sabem».

No aspecto social o seu valor em nada é inferior ao intelectual. O orfeão reúne em si umas dezenas de cidadãos irmanados pelo desejo de atingir o mesmo fim: conseguir uma harmonia total, quer no aspecto musical, quer no aspecto social.

Daqui deriva, necessariamente, o valor moral.

Concluindo devemos lançar para traz as «polítiques» em que sempre vivemos e lutar por um Figueiró melhor.

Devemos, portanto, dar a total adesão a esta ou a qualquer outra iniciativa, que contenha em si as qualidades que sirvam para nos instruir e servir a terra onde nascemos.

José Mendes Teixeira

A TELESOLA

desejo de bem-servir, e igual será a atitude dos dirigentes e monitores dos postos; esperança em que da presente iniciativa tirem o melhor proveito os muitos milhares de crianças que, por esse País fora, vão beneficiar; esperança na compreensão e apoio dos educadores e dos portugueses em geral. A todos dirijo, neste significativo momento, calorosas saudações, que valem como mensagem de confiança no porvir».

de 5167\$40, assim discriminada;
Bandeja 4695\$00
Bar 472\$40
com destino à aplicação em melhoramentos da Ermida de N. Senhora.

Bem hajam.